

Breve Leitura Crítica do Conto “L’expulsé”, de Samuel Beckett¹

Marcos Antonio Martiliano Silva²

RESUMO: Escrito num momento em que a eclosão de uma segunda guerra de proporções mundiais fazia ruir, definitivamente, o castelo das ilusões com a possibilidade de uma sociedade realmente livre, igualitária e fraterna, tal qual haviam propagado os revolucionários de 1789, “L’expulsé” tem por protagonista uma personagem-narrador cuja condição material ela própria define como “l’impossibilité absolue d’acheter” – “a completa incapacidade aquisitiva”. O objetivo deste trabalho é projetar um eixo para a análise que aqui empreenderei de “L’expulsé”, qual seja, o da sondagem dos elementos tidos como *populares* ou, antes, da ausência deles, na performance da personagem central, adentremos enfim o conto.

PALAVRAS – CHAVES: L’expulsé, eixo popular, personagem

ABSTRACT: *Written at a time when the outbreak of a second war of global proportions was crumbling, finally, the house of illusions with the possibility of a society truly free, equal and fraternal, which had spread the revolutionaries of 1789, "L'expulsé" protagonist is a character-narrator whose material condition itself defines as "l'impossibilité absolue d'acheter" - "the complete inability to purchase" The objective of this work is to design a shaft for the analysis that we empreenderei of "L'expulsé", which is the poll of the elements considered popular, or rather the lack of them, in the performance of the central character, adentremos finally the story.*

KEY-WORDS: *L'expulsé, popular axis, character*

I

Para que pudesse ser admitido como centro do universo romanesco - posição que o Romantismo de escola reservava exclusivamente aos heróis ficcionais inspirados na elite burguesa -, o ente do povo, conforme sabemos, teve de pagar o preço da caricaturização, já que apenas como alvo de riso o leitor burguês do século XIX condescenderia em tê-lo como

¹ Trabalho apresentado ao módulo “Crítica desconstrucionista (Beckett)”, do curso “Tendências e Leituras Críticas (II)”, ministrado no 2º. semestre de 2001 pelo Dr. Fábio Rigatto de Souza Andrade, como disciplina do Programa de Pós-graduação em Letras da FFCLH/USP.

² Mestre em Literatura Brasileira pela UNESP/ASSIS.

protagonista das histórias que lia.³ Nessa situação, não cabia a consideração das emoções mais complexas ou das “causas secretas” das atitudes dos anti-heróis, feição esta via-de-regra assumida pela personagem de contornos populares.

Foi preciso que se desencantasse com o modelo de homem burguês, o *gentleman* ou o *beau esprit*, em cujas mãos o intelectual decepcionado com as promessas revolucionárias de 1789 já não via a solução para os problemas da sociedade, para que os escritores, já adentrando o século XX e com ele a reviravolta freudiana, se voltassem para as personagens populares com vistas a sondá-las com olhos menos apressados do que os do caricaturista.

A consequência disso, é preciso reconhecer, nem sempre foi o tratamento mais denso da personagem de inspiração popular. Nesse sentido, em muitos casos, tem-se agora o reverso da medalha: ao invés de caricaturizado, o herói surge, antes, idealizado em sua suposta *espontaneidade* e certa *ingenuidade*, atributos que o distanciariam das agora aviltantes e mesquinhas *preocupações burguesas*.⁴

É num contexto como esse que se destaca, pela singularidade do tratamento dado à personagem, textos como “L’expulsé”, de Samuel Beckett.

Na verdade, referir-se à personagem central de “L’expulsé” como *popular* é atitude que se embasa muito mais na constatação de sua condição andarilha e penúria material, do que na verificação de suas origens sócio-culturais - das quais ademais pouco temos notícia, dada a ausência de memória típica das personagens beckettianas - e, menos ainda, na sondagem de seu comportamento e cosmovisão, como procurarei demonstrar no decorrer desta análise.

De qualquer modo, creio que a presença de uma personagem pobre, ou pelo menos empobrecida e que assim permanece durante toda a história, no centro do conto beckettiano ora em foco, segue em alguma medida a regra dos textos produzidos sob o impacto da decepção com os espíritos supostamente *cultivés* das elites burguesas.

³ Entre nós, o melhor exemplo ainda é o do Leonardo das *Memórias de um sargento de milícias*, e do próprio universo social como um todo plasmado nesse romance - o da gente pobre do Rio de Janeiro sob D. João VI -, que, conforme adverte Lucia Miguel-Pereira na sua *História da Literatura Brasileira*, só pode ser estruturado pelas lentes superficiais e deformadoras da caricaturização.

⁴ Na nossa produção literária, as manifestações desse aspecto são ilustradas exemplarmente pela proliferação dos malandros literários e de outras personagens inspiradas na picaresca clássica espanhola, conforme enumera Mario Miguel Gonzáles na sua *Saga do anti-herói*.

Feitas essas considerações, cujo objetivo é projetar um eixo para a análise que aqui empreenderei de “L’expulsé”, qual seja, o da sondagem dos elementos tidos como *populares* ou, antes, da ausência deles, na performance da personagem central, adentremos enfim o conto.

II

Escrito num momento em que a eclosão de uma segunda guerra de proporções mundiais fazia ruir, definitivamente, o castelo das ilusões com a possibilidade de uma sociedade realmente livre, igualitária e fraterna, tal qual haviam propagado os revolucionários de 1789, “L’expulsé” tem por protagonista uma personagem-narrador cuja condição material ela própria define como “l’impossibilité absolue d’acheter” – “a completa incapacidade aquisitiva”.⁵

No entanto, não é a penúria material em si que irá ocupar o centro da narrativa - se é que algo a ocupa, e se é que podemos falar em “centro da narrativa” no caso de Beckett -, mas as reflexões que, conjuntamente a outros fatores, ela tempera.

Nesse sentido, a cena inicial é toda tomada por dois parágrafos - um deles relativamente extenso -, em que a personagem relata a sua queda da escadaria de uma casa que, apenas num terceiro parágrafo, percebemos ter sido provocada pelos donos da pensão onde até então habitava e com os quais estava provavelmente inadimplente. Antes de conhecer esse fato, assistimos à personagem conjecturar sobre o impacto da queda, sobre a extensão da escadaria, sobre a dificuldade de lembrar-se precisamente das coisas.

Temos, então, quase uma total ausência das ações que, nos romances picarescos ou malandros, aqui tomados sempre como exemplos de “populares”, proliferam-se no claro intuito de angariar a atenção de um indolente leitor.

Entretanto, é justamente nessas reflexões, derivadas das ações, e não nas ações propriamente ditas, que a personagem central se nos revela em sua psicologia. Espécies de *madeleines* proustianas, é uma escadaria, uma porta, uma janela, um tecido ou um outro qualquer objeto, capaz de despertar uma emoção na personagem, que permite ao leitor descerrar gradualmente as cortinas da personalidade do protagonista de “L’expulsé”.

⁵ BECKETT, S., L’expulsé. In: *Nouvelles et texts pour rien*, p. 28

Assim, na sua tentativa de lembrar-se do número de degraus da escada da pensão de onde o haviam expulsado, tomamos conhecimento do seu profundo desconforto no trato com questões tangentes à memória. Impotente diante dos volteios labirínticos de sua mente, os quais lhe impedem de recuperar precisamente um episódio qualquer, agarra-se sofregamente à sua única certeza acerca da queda que busca mentalmente evocar: “Ce qu’il fallait retenir, c’est le fait que le Perron n’était pas haut, et cela je l’ai retenu” – “o que era preciso reter é o fato de que a escadaria não era alta, e isso eu retive”.⁶

Do mesmo modo, é pela reação à recepção do seu chapéu, que como a si próprio foi lançado pela escada, que sabemos de seu ateísmo, traço que o leva a referir-se a um “*leur Dieu*” – “O Deus *deles*”.⁷

Poder-se-ia alegar, e com propriedade, que a ausência de reação acima referida é ademais característica do conto moderno de um modo geral, o que tornaria desnecessárias essas conjecturas. No entanto, é preciso lembrar que o que está em jogo nesta breve análise é a comparação entre o texto beckettiano e os protagonizados por personagens pobres em geral, tendo em vista que, nestas, a ausência de ação é aspecto praticamente inexistente.

Em outro passo, o traço do ateísmo parece estar presente na sua referência apaixonada ao “céu”, referência esta que, apesar da quase religiosidade da descrição, dado o êxtase que lhe dá o tom, traz à tona elementos meramente estéticos; assim, o céu o encanta enquanto espaço onde, como num “*désert, où rien n’arrête la vie ... où les chemins ne sont pas marqués*” – “deserto, onde nada impede o curso da vida, onde os lugares não são marcados”, pode-se errar livremente, longe das limitações do espaço terreno que tanto o aborrecem.

Na verdade, isso que aqui à falta de melhor termo chamo de ateísmo, parece querer indicar, por paradoxal que isso possa a princípio parecer, um outro aspecto constante nas elucubrações da personagem em foco: a busca de um certo distanciamento das coisas que digam respeito ao universo popular. E, nesse momento, nos damos conta de que, se a situação econômico-social a aproxima das classes pobres, e portanto do povo - se for permitida, ainda que com ressalvas, uma definição de “povo” tomando apenas em conta o fator econômico -, por outro lado, sua cosmovisão e suas crenças o distanciam dele.

⁶ Id., p. 12

⁷ Ibid., p. 14, it. meu.

Nessa mesma direção, por vezes, o comportamento da personagem beckettiana parece indicar sua repulsa não propriamente à pobreza material, mas à massificação que padroniza atitudes e leva as pessoas em geral a banalizarem as coisas da vida, a perderem a capacidade de se admirar ou mesmo de se decepcionar com elas.⁸

Parece ser movido por esse sentimento que nossa personagem, ainda que “sem saber porque”, declara: “Oui, je ne sais pourquoi, je n’ai jamais été déçu, et je l’ai été souvent, dans les premiers temps, sans ressentir en même temps, ou l’instant d’après, un soulagement incontestable” – “Sim, eu não sei porque, eu nunca me decepcionei, e eu estava sempre decepcionado, no começo, sem perceber imediatamente, ou no instante seguinte, um alívio incontestável”.⁹

Aliás, em relação a si própria nossa personagem demonstra primar por uma certa formalidade, o que porventura a impediria de, íntima demais de si mesma, banalizar-se a seus próprios olhos; é o que se evidencia quando, logo após tratar a si mesmo por “vous”, confessa: “je ne me suis pas beaucoup tutoyé” – “eu não me dirijo muito a mim mesmo informalmente”.¹⁰

Num âmbito mais restrito, ao contrário do pícaro espanhol ou do nosso malandro, os quais nunca hesitam em solicitar favores pessoais ainda que a desconhecidos, a personagem de “L’expulsé” chega até mesmo a transferir-se da calçada – onde tinha dificuldade de locomover-se sem atropelar as pessoas – para a rua, devido a seu confesso “horreur d’incomoder *les inconnus*” – “pavor de incomodar *desconhecidos*”.¹¹

Também diferentemente das novelas picarescas ou do romance malandro, onde são bastante comuns as cenas de violência física patrocinadas pelos próprios “heróis”, nossa personagem, malgrado suas confessas intenções de “écraser avec joie” – “estrangular com satisfação” uma criança ou de “casser le fémur” – “quebrar os ossos” de uma velha, que lhe atravessaram o caminho, apressa-se em esclarecer ao leitor que não seria de modo algum “un violent”.¹² Aqui, é curioso notar a nuance entre as intenções subjetivas e as manifestações objetivas das personagens referidas: enquanto a impulsividade do malandro o leva, por vezes, a

⁸É o didático Jostein Gaarder do *Mundo de Sofia* que indica como parâmetro para o “olhar filosófico” a “capacidade de se admirar com as coisas.”

⁹BECKETT, S., op. cit., p. 19

¹⁰ ibid.

¹¹ ibid., p. 22, it. .meu

¹² ibid., p. 22 e 23, respect.

atos sanguinários que, por outro lado, não se coadunam com sua propalada “bondade de coração” (*homo cordialis?*), em personagens do feitio da protagonista de “L’expulsé”, ao desprezo ideológico por toda espécie de agressão física se contrapõe uma ferocidade quase sádica na arquitetura de planos de vingança pessoal.¹³

Na verdade, a anônima personagem beckettiana, ainda que inserida no seio do povo ou, pior, à margem dele, parece nutrir um total desprezo por tudo que possa resvalar o senso comum, o que a teria levado, durante os anos em que se passa a história que relata, a não ler jornais e a não ter conversado com as pessoas, “*sauf peut-être trois ou quatre fois, por une question de nourriture*” – “exceto talvez três ou quatro vezes, *por questões de subsistência*”.¹⁴

Mais ainda, numa atitude que indica em Beckett - sem dúvida não meramente o autor, mas o autor-implícito de “L’expulsé” -, o toque inconfundível da perspectiva schopenhauerina, segundo a qual a vida, por imperfeita em excesso, não valeria a pena, nossa personagem confessa sua abominação pelos seres onde a vida é mais profusa - nas crianças, conforme fica patente em sua intenção de “linchá-las”, anteriormente mencionada.

Nesse conto, enfim, em que o autor-implícito Samuel Beckett se nos revela a cada passo da narrativa, a anônima personagem-narrador, se não lança mão da navalha, como o popular malandro, ou de outros meios objetivos de garantir sua sobrevivência material, por outro lado, faz da palavra a sua arma, ao erigi-la na chave para a entrada num mundo que, a despeito de efêmero, tornaria possível a suspensão das dores trazidas pela inexorável “Vontade”, qual seja, o mundo da contemplação estética, conforme postula a filosofia schopenhaueriana.

Com efeito, ao final do conto, é indistigível a frustração das palavras, nos grandes autores elevadas a arte, de um desorientado personagem-narrador, que, como se retirando de uma espécie de transe narrativo, durante o qual teria compartilhado com o leitor alguns trechos de sua vida e de sua cosmovisão, declara: “Je ne sais pas pourquoi j’ai raconté cette histoire. J’aurais pu tout aussi bien en raconter une autre. Peut-être qu’une autre fois je pourrai en raconter une autre.

¹³ Ainda nesse sentido, vale a pena destacar um outro passo, em que a personagem beckettiana, referindo-se aos bebês e às crianças, que o senso popular (no texto indicado pelo pronome *on*), não “lynche jamais”, desabafa: “moi je les lyncherais avec délices, je ne dis pas que je mettrais la main à la pâte, non ... , mais j’encouragerais les autres et je leur paierais la tournée quand ce serait fini”.

¹⁴ BECKETT, S., op. cit., p. 28, it. meu



Ames vives, vous verrez que cela se ressemble” – “Eu não sei porque contei esta história. Eu podia muito bem ter contado qualquer outra. Viventes, vós vereis que todas se parecem”.

III

Lamentavelmente, distante de uma análise rigorosa e sistematizada de “L’expulsé” - que ademais minha indomável prolixidade tornaria inexequível no estreito limite das laudas de um artigo -, sinto que não esbocei aqui mais do que um tosco relato de minhas ainda por demais apaixonadas impressões de um autor que, até então, era para mim - o que em todo caso não é pouco -, apenas mais um “importante” expoente da arte moderna.

Decorrente disso, a escassez das exemplificações, a por vezes superficialidade no tratamento de temas que, complexos, exigiriam muito mais apoio no conto e em outras leituras críticas já feitas sobre o mesmo, como a questão da memória, da conceituação de “povo” ou de “popular” (por contraposição a “massas” ou “massificação”), da presença schopenhaueriana no texto, dentre tantas outras.

De qualquer modo, espero ter podido ou, ao menos, ter resvalado o cumprimento do papel essencial do crítico, qual seja, o de indicar mais um caminho de leitura, dentre os tantos possíveis, de um autor tão complexo e expressivo quanto Samuel Beckett.

IV

BECKETT, Samuel. *Nouvelles et textes pour rien*. Paris: Editions Gallimard, 1958

FIGUEIREDO, Luiz Antônio de. *O pensamento de Schopenhauer*. (Apostila preparada para o curso de Graduação em Letras da UNESP/Assis). Assis- SP.: FCL-UNESP, 1995

JGONZÁLES, Mario Miguel. *A saga do anti-herói: estudo do romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994



MIGUEL-PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1950

SILVA, Marcos Antonio Martiliano. *Malandragem e identidade nacional: o caso Memórias de um sargento de milícias*. (Dissertação de Mestrado). Assis: UNESP, 2000